



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO

Autora: Daniela Bento Alexandre

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

daniela.sasac@gmail.com

Resumo: Na trilha das historiografias, as narrativas das Mulheres tem sido pouco assumida pela história. Por essa razão existem muitas lacunas a serem preenchidas, contadas, escritas e reescritas com olhar e análise de mulher. Este artigo versará sobre a experiência de mulheres raizeiras do Alto Sertão Sergipano, contadas por elas a partir do trabalho de sistematização popular, que culminou na cartilha, *Ervas Mediciniais: Saber e prática no fazer feminino*.

palavras-chave: Ervas Mediciniais, comunicação popular, mulheres

O trabalho de sistematização considerou a metodologia e princípios da comunicação popular, baseada na experiência do boletim *Cadeiro*, da Articulação Semiárido (ASA).¹

“O boletim é um importante instrumento pedagógico de construção coletiva do conhecimento, as sistematização das experiências de convivência com o Semiárido potencializam a divulgação das iniciativas bem-sucedidas no campo da agricultura familiar” (ASA/ 2009)

¹ A ASA é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas, o projeto político da convivência com o Semiárido. É uma rede porque é formada por mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas – sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG’s, Oscip, etc.

Essa rede conecta pessoas organizadas em entidades que atuam em todo o Semiárido defendendo os direitos dos povos e comunidades da região. As entidades que integram a ASA estão organizadas em fóruns e redes nos 10 estados que compõem o Semiárido Brasileiro (MG, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI e MA).

Entre as principais características desse processo da comunicação popular estão: opção política de colocar os meios de comunicação a serviço dos interesses populares; transmissão de conteúdos a partir de novas fontes de informações (do/a cidadã/o comum e de suas organizações comunitárias); a comunicação é mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social; está imbuído de uma proposta de transformação social e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa; abre a possibilidade para a participação ativa do cidadã/o comum como protagonista do processo.

Para melhor desenvolver o processo de sistematização o trabalho de coleta de receitas, memórias e histórias de vidas foi realizado em seis encontros.

Cada encontro foi chamado de quintal. Ao todo percorreremos seis quintais.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

O quintal não é necessariamente o espaço físico, foi mais uma simbologia para representar o nosso fazer e a nossa troca, que muito se dá no espaço dos quintais. Seja pela produção das ervas, mas, sobretudo por ser o espaço de pleno domínio e encontro das mulheres no seu fazer diário.

Entender as linhas desse registro exige um olhar sensível às histórias de mulheres. Não é apenas mais uma história de ervas, são as ervas dessas mulheres.

Cada receita, não é apenas um juntar de folhas e água morna numa xícara ou com um punhado de açúcar na feitura de um lambedor. As receitas são, antes de tudo, o seu saber, sua medicina, muitas vezes a única em muitos momentos de suas vidas.

É, portanto, a resistência do saber popular herdado de suas predecessoras: mães, avós, madrinhas e todas as antepassadas.

Ao contar suas histórias vão revelando tantas outras que ficaram pelo caminho e que ora ganham corpo nessas receitas e memórias.

Também é um revisitar na alma de mulher, no jeito de sentir e viver as lutas constantes desse gênero, tão cheio de desigualdade social.

É descobrir que as bruxas da inquisição já guardavam nosso saber de manejar as ervas e que o peso do olhar inquisidor ainda pesa sobre nossa prática atual.

Lançando-nos esse olhar redescobrimos que nosso fazer, ainda que no silêncio e isolamento de seus quintais e cozinhas, guardam as trilhas e veredas da história, que unidas formam uma colcha, painel e vitrine de todas as mulheres que somos, fomos e seremos.

A utilização de plantas com fins de cura é tão antiga quanto à história da humanidade. Na China, há registros de cultivo de plantas medicinais que datam de 3.000 a.C.; os egípcios, assírios e hebreus também as cultivavam em 2.300 a.C. ((NOLLA , 2005)

As minuciosas descrições das plantas e suas virtudes são encontradas nos livros dos templos egípcios: no Livro dos Mortos em forma de receitas para embalsamento de cadáveres e no Livro dos Vivos com descrições de propriedades e emprego de plantas para o tratamento de várias doenças. Hipócrates (460-377 a.C.).

Contudo a medicina popular versus a medicina dita científica, existe um longo caminho a ser percorrido e nesse percorrer localizar o lugar da mulher nesse fazer das curas.

Na mitologia grega, Panaceia era a deusa da cura, e sua irmã Hígia protegia a saúde e a higiene, ambas as filhas de Asclépio (ou Esculápio para os romanos), considerado o deus da medicina e da cura. Além das duas,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Asclépio tinha mais três filhas, Iaso, deusa da cura, Áceso, deusa dos cuidados e enfermagem e Aglaea, deusa dos bons fluidos, boa forma e beleza natural. (BULFINCH, 1965.)

Embora Hígia e Panaceia sejam lembradas no juramento de Hipócrates, que prevaleceu com maior ênfase, do século V, antes Cristo até segunda metade do século XX, não significou ou significa o reconhecimento das mulheres no saber da medicina.

Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio, Hígia e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo o meu poder e a minha razão, a promessa que se segue (...) (BULFINCH, 1965).

O elo entre o mito e o trajeto das mulheres foi sendo esquecido e negado o direito do exercício, comprovação disso é que a primeira mulher que se tem notícia de ter cursado medicina no mundo, foi a norte americana Elizabeth Blackwell (1821-1910).

Mas voltemos à trilha das ervas e das curas populares. Quantas mulheres tiveram ou tem seus nomes registrados nas receitas diárias, nos chás, lambedores e garrafadas..

Em tempo de biomedicina em alta, as práticas prevalecem sobre a origem. E assim, as curandeiras, vão sendo de certo modo deixadas de lado. Posto que o saber das ervas não pode ser resumido apenas a comprovação

dos princípios medicinais dessa ou daquela planta.

“Os profissionais de saúde apropriam-se do conhecimento fitoterápico popular no código biomédico, isto é, procurando neles seu princípio ativo e deixando de lado a cosmologia que lhe dá sentido” (ARAÚJO, 2002, p.17)

Nesse sentido o manejo popular das ervas, envolve benzeduras, banhos, chás e o conjunto de relações sociais que permeiam o seio de uma comunidade.

Logo a sistematização da cartilha buscou considerar toda a cosmologia presente no fazer dessas mulheres. Buscando ligar a prática atual a própria da trajetória da história das mulheres que as precederam.

Buscamos de forma simples um paralelo entre estas e aqueles que arderam nas brasas como bruxas, por deterem o saber da cura.

Os quintais: Ervas Medicinais: De onde vem nossa Prática? Para iniciar nossa trilha foi solicitado que cada uma fizesse um esforço para descobrir quem são elas e que elementos elas consideravam que compunham o ser mulher.

A pergunta norteadora foi: Quem sou eu? E numa roda fomos traçando um roteiro sobre o que pensamos de nós, e como muitas vezes esse pensar sobre nós pode ser nossas piores



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

amarras para liberdade. O resgate foi feito em grupo, onde cada grupo deveria compor um painel com aquilo que elas acreditavam ser o eu mulher.

Continuando nossa trilha fomos perceber como esse saber entra na vida, para tanto foi realizado um trabalho em grupo com as seguintes questões a serem respondidas: Qual a importância do saber que temos? Por que ele não é mais explorado ou valorizado?

Para se pensar o eu e a prática se fez necessário percorrer o caminho da história onde em algum lugar nos deparamos com as bruxas, feiticeiras que nos precederam.

Ao nos deparar com elas pudemos perceber como a ideia negativa que se espalhou e cruzou a linha do tempo e do imaginário popular, tem sido perverso para com a nossa prática.

É preciso, portanto, assumir a nossa prática enquanto afirmação do saber popular, mas também da identidade feminista, de luta e de resistência.

Em todos os quintais dois objetivos nortearam nossa trilha: o auto reconhecimento das participantes como mulher e com a prática realizada, ou seja, o manejo com ervas medicinais.

Na Trilha das Bruxas:

Se pedirmos para que uma criança desenhe a uma bruxa, sem dúvida ela irá nos mostrar a imagem de uma velha corcunda, uma vassoura e um caldeirão, e com certeza irá afirmar que a bruxa é má e que mata gente envenenada e por aí vai.

A grande questão é que essa ideia também esta presente no imaginário de muitas pessoas adultas.

O que talvez muitos não saibam é que essa imagem é a mesma criada, principalmente, pelas igrejas católicas e protestantes ainda no fim da Idade Média. E poucas ousaram perguntar o porquê e compreender quem de fato foram e são as bruxas (ANGELIN, 2016).

E para compreendermos é preciso sim fazer esse paralelo entre as bruxas da Idade Média e as bruxas da era moderna.

De acordo com Angelin (2016) as bruxas da Idade Média foram mulheres a frente de seu tempo, mulheres dotadas de saberes e rebeldias. Aquelas que fugiram ou se negaram apenas a seguir as determinações de como deveriam se comportar. Entenda-se: casar, ser submissa, não interferir na vida social e política da época e, sobretudo expressar ou dominar qualquer tipo de saber, entre estes o manejo com ervas.

Mas como assim?



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

As bruxas na Idade Média foram, em sua grande maioria, às parteiras e curandeiras, que durante muito tempo foram reconhecidas como a única possibilidade de tratamentos e nascimentos em muitos povoados, e, portanto gozavam de certo reconhecimento social. Mas, com a ascensão da medicina, ofício exclusivamente masculino, a ira e perseguição a esse saber e essas mulheres foi à saída encontrada para manter a ordem e soberania do patriarcado (DEL PRIORE, 1997).

Mas, na verdade, as bruxas eram e são apenas mulheres que ousaram e ousam se reunir, se organizar, trocar saberes sobre ervas, chás, cicatrizantes, anti-hemorragicos entre outros. São as mesmas parteiras, médicas e enfermeiras sem títulos acadêmicos.

Se hoje já não arde em nossa pele as brasas do “fogo santo”, arde as mesmas labaredas machista, que continua não aceitando que nós mulheres temos saberes e inteligências diversas e portanto, queremos mais que: votar, casar, parir e ser do lar.

Precisamos cada dia mais resgatar nosso elo de mulheres, irmãs e parceiras para podermos honrar as bruxas que nos antecederam e aquelas que nos sucederão.

“Durante muito tempo andamos perdidas umas das outras. O meu nome nada significa para vós. A minha memória é pó. Nada disto é

culpa vossa, nem minha. A cadeia entre mães e filhas quebrou-se e a palavra passou à guarda dos homens, que não tinham condição de saber” (DIAMANT 1997, p.07).

O Primeiro quintal foi marcado por muita emoção. Nesse espaço fomos acolhidas e nos acolhemos.

Nosso desafio foi descobrir no quintal de nossas existências, a nossa identidade de Mulher.

De modo leve e bem descontraído fomos conversando, cantando e descobrindo a mulher forte, guerreira, mas também onde guardamos nossas dores e desafios a ser superado em nosso cotidiano.

E a nossa colheita veio em forma de poesias.

Textos construídos durante o Primeiro Quintal. Antes de sermos raizeiras, curandeiras, rezadeiras.

Somos mulheres. E fomos lá, no fundo de nós para nos definirmos na subjetividade que compõe todas as almas: A poesia.

As poesias:

Nós somos de luta

Mulheres guerreiras

Que jamais “abaixa” a cabeça.

Jamais!



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Por que quem “ abaixa”

Não levanta jamais.

Ergue a cabeça mulher brasileira.

Somos ervas maravilhosas.

Ervas da costa

O mal não encosta.

Aroeira bom pra coceira

Cidreira que não deixa

Cair na ladeira

Capim santo

Que o mal espanta

Eu sou...

Sou Mulher, sou mãe

Sou porta do segredo da vida

Sou guerreira a cada instante,

Por direitos e deveres, sou líder

Na sociedade quero espaço

Não sou causa perdida

Educo filhos, filhas e trabalho

Quero viver sem embaraço

Levar paz no meu abraço.

(Dil, Dalva, Paula, Rosa e Luciene)

Mulheres Sertanejas Arretadas

Somos mulheres guerreiras que sabemos «se valorizar». Não somos domesticadas e não vamos nos deixar nunca.

Trabalhadoras que sabemos lutar e cobrar os nossos direitos sociais e igualdade.

Lutamos contra a violência sofrida por mulheres trabalhadoras do campo e das florestas.

Temos um objetivo: fortalecer e mobilizar as mulheres e os jovens para a luta da classe trabalhadora para criar autonomia.

(Aparecida, Zefa da Guia, Elisângela, Cleosvalda).

Para concluir nossa trilha construímos uma poesia coletiva, a partir de 4 frases iniciais (Eu gosto de...; Mas fico triste com...; mas também fico feliz... Assim é minha vida de...)

Eu gosto de ficar em casa, participar, compartilhar, escutar, fazer doce (adoçar), cuidar de pessoas e plantas, visitar, conhecer, ajudar, dialogar, reunir, abraçar, trabalhar no quintal, multiplicar no quintal, tranquilidade, coletividade e sonhar.

Mas, fico triste com disputa, mágoa, calúnia, quando não posso trabalhar e participar, injustiça, desânimo da população pra lutar, indiferença, violência e desigualdade e injustiça social.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Mas também fico feliz com a chuva no chão, os sonhos realizados, construção coletiva, chuva no amanhecer, companheirismo, as amizades, partilha, união e cheiro de terra molhada.

Assim é minha vida de agricultora, de aprendiz, de mulher trabalhadora, caminhante, militante, sertaneja, sonhadora e de missão.

O segundo quintal nos trouxe as ervas que nos define.

descobrimos que as plantas são mais que vegetais nesse manejar feminino. Para elas as plantas, sejam pela força, aromas ou função, contribuem para a construção pessoal de suas identidades. E assim, nesse reconhecimento e semelhanças adotaram algumas como sobrenomes. Assim foi construído coletivamente o espiral de alma e flor.



De quintal em quintal passamos pelos usos diversos das ervas, buscando compreendemos a importância delas na vida da humanidade e

como esse saber foi perseguido ao longo da história. E assim entendemos que o trabalho exercido por mulheres no manejo com as ervas, as curandeiras e as parteiras já foram chamadas de bruxas e queimadas por isso.

E assim criar um paralelo entre esse ofício, que embora seja tão praticado, vive uma desvalorização social.

Nesse sentido, as mulheres responderam as seguintes perguntas: Onde e como usamos as ervas na nossa vida?

Como resultado percebemos que o uso das ervas estão presentes em nossas vidas desde o nascimento e que seus usos são os mais diversos indo desde a sua utilização para fins medicinais como os chás, xaropes, lambedores, pomadas..., Assim como na culinária: temperos, corantes... E ainda como parte inseparável de nossas crenças: rezas, banhos, descarrego.

Nesse sentido, o passo seguinte foi escrever as receitas, considerando os seguintes aspectos: Colheita, qual o melhor horário, quantidades (proporções), tempo de cozimento, maturação, validade, dosagem e indicação.

Na troca experimentamos a nossa panaceia e alquimia da e na alma de mulher.

Cantamos, sorrimos, trocamos e nos fortalecemos.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Tecemos nossa colcha de vidas e nos alimentamos para a luta diária na busca de sermos donas de nossas vidas e saberes.

As receitas foram divididas por categorias e indicação.

Todas as receitas foram escritas durante o processo de formação, assim possibilitou a troca de olhares sobre uma mesma receita, em alguns casos havendo ajustes quanto às quantidades e indicações.

No tocante aos melhores períodos para os manejos elas concluíram que:

CICLOS LUNARES para a Colheita:

A LUA CHEIA é boa para se colher RAÍZES.

A CRESCENTE e a NOVA, para as outras partes do vegetal.

NÃO usar a Lua MINGUANTE.

Abaixo tabela com algumas das indicações de usos de ervas medicinais e plantas da caatinga.

“Para males do espírito só Deus cura, mas para todo o resto, temos ervas” (Sueli Campos-vendedora do Mercado Albano Franco em Aracaju/SE)

Chás	
Planta	Indicação
<ul style="list-style-type: none">• Mandacaru• Manjeriçã	Gripe/febre

<ul style="list-style-type: none">• Flor de maracujá• Casca de mulungu• Cidreira com capim santo• Alecrim	Calmanes
<ul style="list-style-type: none">• Folha de sambacaitá/canudinho• Casca de imburana de cambão•	Antinflamatórios

Ao todo foram colhidas mais de 30 receitas sendo assim distribuídas:

Receitas	Quantidades
Chás	09
Lambedores	02
Garrafada	02
Sucos medicinais	07
Geleias medicinal	01

Se existe lacunas entre as pisadas históricas das mulheres e suas panaceias, o grupo entendeu que o trabalho deveria de algum modo, além das receitas, cuidar de contar as histórias de algumas das mulheres envolvidas nesse processo.

Como todo o trabalho envolveu diretamente 30 mulheres do Alto sertão sergipano, distribuídas entre os municípios de Poço Redondo, Canindé de São Francisco, Gararu, Porto da Folha, Monte Alegre de Sergipe e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Nossa Senhora da Glória, dentre estas 07 histórias foram escolhidas, contadas, registradas e validadas pelo grupo e integram a parte final da cartilha, na qual culminou todo esse trabalho.

Tenho a sensação que nada é conclusivo quando tratamos da lida resistente das mulheres. Contudo, nessa pequena caminhada na trilha das mulheres que benzem, curam, rezam e regam os quintais das existências femininas, compreendi que ainda há muito a ser dito, pesquisado resgatado, registrado e fortalecido. E assim gostaria de despedir-me com essa citação de Anita Diamant, em seu livro, A Tenda Vermelha. Tomo essa liberdade, posto que a emoção que vivi ao contar a história dessas mulheres do Alto Sergipano, em muito se assemelha ao que senti quando li a sua narrativa de Dinah e as esposas de Jacó.

“Transmiti as histórias de minhas mães para a geração seguinte, mas as histórias da minha vida me foram proibidas, e aquele silêncio quase destruiu a minha alma, quase me matou. Não morri, porém, e vivi o suficiente para que outras histórias enchessem meus dias e minhas noites. Vi recém-nascidos abrirem os olhos para um mundo novo. Descobri motivos para rir e para sentir gratidão. Fui amada. (...) Sinto-me imensamente grata por vocês terem vindo. Vou deixar fluir tudo o que guardei em minha

memória para que todas se levantem desta mesa satisfeitas e revigoradas.” (DIAMANT 1997, p.09).

Referências Bibliográficas

ANGELIN, Rosângela. A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/053/53_angelin.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018

Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). **AÇÕES - P1+2**. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1-2>> Acesso em 01 nov .2018.

BENTO, Daniela Alexandre. **Ervas medicinais: Saber e prática no fazer feminino**. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/8d20c0_1709e80a553b484da115d08fb38612cf.pdf> acesso em 30 out 2018.

BULFINCH, Thomas- O Livro de Ouro da Mitologia, ed.Tecnoprint, 1965.

DEL PRIORE, Mary. EVA TUPINAMBÁ In: DEL PRIORE, Mary (ed.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DIAMANT, ANITA; A tenda vermelha. Ed versus 1997.

NOLLA, D.; SEVERO, B.M.A.; MIGOTT, A.M.B. Plantas medicinais. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2005. 72 p.